

## ■ INTERNACIONAL

## ENSINO NOS EUA

# Escola pública e privada, comparação difícil

Reforma que propõe estimular freqüência a sistema particular pode retirar recursos vitais de estabelecimentos governamentais

The Brookings Review

Desde aproximadamente 1830, até 1980, as escolas públicas dos EUA tiveram o papel central no palco do grande drama americano das oportunidades iguais e da ascensão social. As escolas particulares eram participantes pequenas e até mesmo suspeitas. Embora as primeiras escolas coloniais fossem particulares, no final do século XIX elas passaram a ser identificadas com interesses religiosos e de classes. A elite econômica estabeleceu suas próprias escolas preparatórias com base no modelo das instituições Eton e Harrow, da Grã-Bretanha.

As organizações religiosas, particularmente as católicas, fundaram suas próprias escolas para combater a doutrinação protestante nas escolas públicas. Nem todos achavam que as famílias deveriam ter a opção de deixar as escolas públicas.

Durante os últimos 15 anos, porém, as posições se invertem. A escola pública, uma instituição que durante muito tempo foi defendida como parte da solução para o dilema da desigualdade, hoje é encarada como uma parte séria do problema. Principalmente nas cidades do interior, as escolas públicas não estão cumprindo a missão de fornecer às crianças as especializações necessárias para terem uma vida produtiva e conquistarem uma base sólida na escala que leva ao sucesso.

Hoje, as escolas particulares estão no centro das atenções. A escola paroquial é vista como a "verdadeira escola pública", a personificação institucional do que alguns sociólogos chamam de "capital social". Aqueles que fazem a apologia desta escola afirmam que ela é uma alternativa promissora à educação pública. Alguns analistas e formuladores de políticas propõem privatizar toda a educação pública por meio de um sistema de vales-educação universais; outros propõem que se fornecam os vales às crianças do interior para que elas consigam escapar das escolas miseráveis em seus bairros e freqüentem escolas particulares.

Mas o mundo das escolas particulares é mais complexo do que os

apologistas querem nos fazer acreditar. O termo escola privada abrange uma quantidade de alternativas educacionais. O pesquisador Don Erikson identificou 15 importantes categorias de escolas privadas: Católica Romana, Luterana, Judaica, Adventista do Sétimo Dia, Independente, Episcopal, Grego-Ortodoxa, Quaker, Menonita, Calvinista, Evangélica, Assembléia de Deus, educação especial, alternativa e militar. A maioria das escolas privadas está nas costas Leste e Oeste: Connecticut tem a fatia maior de estudantes de escolas particulares (17%) e Wyoming a menor (1,5%).

As escolas particulares primárias e secundárias dos EUA, em número aproximado de 27 mil, têm cerca de seis milhões de estudantes registrados — aproximadamente 12% das crianças das escolas americanas. As escolas particulares constituem 25% de todas as escolas secundárias e primárias. A porcentagem total de estudantes que freqüentam escolas particulares manteve-se surpreendentemente estável com o tempo.

A vasta maioria de escolas privadas é de estabelecimentos de ensino primário: apenas uma em 13 escolas particulares conta com estudantes do 9º ao 12º ano. As escolas particulares tendem a ser muito pequenas. Metade delas têm registrados menos de 150 alunos. E menos de 3% têm mais de 750 alunos. A maioria das grandes escolas é católica.

A diversidade no setor de escolas privadas é surpreendente. Uma escola privada pode ser: ■ um pequeno estabelecimento na Califórnia, onde os estudantes vivem em barracões que eles próprios constroem, cozinham duas refeições por dia e estudam poteia embaixo das árvores; ■ uma prestigiada escola preparatória na região da Nova Inglaterra, onde os ricos enviam seus filhos para serem educados socialmente e preparados para entrar numa universidade ou faculdade altamente respeitada, da chamada "Ivy League", seleto grupo de faculdades classe "A"; ■ uma escola católica numa cidade do interior, onde os estudantes são pobres e apenas alguns são católicos; ■ uma escola católica num bairro de elite da cidade, na qual os estudantes estudam latim e grego e vão para renomadas faculdades e universidades católicas;

■ uma escola para estudantes com problemas de aprendizado e comportamento, em que a relação estudante-professor pode ser tão baixa que chega a três para um; ■ uma escola progressista, onde os estudantes criam o programa de cursos, dirigem-se aos professores pelos seus nomes e vão a Paris em viagem de estudos;

■ uma escola militar, onde os filhos e às vezes filhas de famílias da classe média que procuram uma estrutura educacional aprendem os valores da ordem e da disciplina;

■ uma escola evangélica cristã, onde a Bíblia é o principal texto, a biologia evolucionista é desprezada e a conformidade religiosa é rigorosamente aplicada.

Não existe um mundo único de escolas privadas, mas sim um mosaico de instituições que variam em função da sua missão, tamanho e exclusividade social. Embora seja verdade que algumas famílias pobres fazem enormes sacrifícios para enviar seus filhos para escolas privadas, a maioria das famílias com filhos nessas escolas é mais rica do que as famílias com filhos nas escolas públicas. Aproximadamente 29% de todos os estudantes que freqüentam a escola pública recebem merendas financiados pelo governo, enquanto que apenas 6% dos estudantes em escolas particulares recebem essas refeições e só 4% têm à sua disposição serviços estabelecidos pela lei federal (Title 1). As escolas privadas de elite, apesar de fornecerem algumas bolsas de estudo, abrigam os filhos de algumas das famílias mais ricas dos EUA.

Uma das diferenças-chave entre escolas públicas e privadas é que estas últimas são quase que exclusivamente acadêmicas, enquanto as públicas estão divididas quase que igualmente em escolas

com programas acadêmicos vocacionais e gerais. Em média, os estudantes das escolas particulares gastam mais tempo com seus deveres de casa e escrevem mais do que os estudantes das escolas públicas. Os estudantes de escolas particulares tendem a ser mais positivos com relação às suas escolas e sentem-se mais seguros.

Freqüentemente se afirma que as escolas particulares são mais baratas para operar, porque não são dirigidas de forma burocrática e gasta-se pouco dinheiro em administração.

Porém, como foi observado, muitas escolas privadas são pequenas escolas primárias, que requerem uma administração muito menos dispendiosa do que as demais, e exigem muito menos atenção na área administrativa.

Além disso, muitas escolas particulares recebem um apoio público para transporte e educação especial, normalmente não pagam taxas imobiliárias e recebem contribuições de doadores privados. Como essas escolas particulares podem ser seletivas, podem excluir crianças difíceis social ou academicamente, eliminando muitos serviços necessários no setor público. Poucos professores das escolas particulares são sindicalizados e, como consequência, as escolas privadas no geral pagam para seus professores salários muito baixos.

As escolas privadas são comunidades de "status". As famílias são atraídas a essas escolas em razão de determinados interesses especiais, incluindo ortodoxias religiosas, esnobismo social, especialidades acadêmicas ou filosofias educacionais. Muitas escolas privadas são excepcionais. No entanto, algumas são medianas e as piores são constrangedoras. Algumas escolas privadas têm aparelhagem e recursos muitos maiores do que muitas faculdades, mas em outras as crianças não têm o suficiente para comer, a disciplina é brutal e a vida intelectual é abafada. Em resumo, a geografia econômica, educacional e social do mundo da escola particular é altamente variada, mas próxima da geografia da Califórnia do que da Kansas. Relatórios simplistas

sobre esta geografia criaram o contexto para resultados de pesquisa questionáveis e orientaram mal as sugestões para novas políticas.

O pesquisador Richard Murnane concluiu que os estudantes de escolas particulares se saíram melhor nos testes de aproveitamento do que os estudantes das escolas públicas porque eles vinham de lares mais favorecidos e traziam com eles, para a escola, mais habilidades. Além disso, quando as comparações entre escolas pública e privada levam em conta a tendência à seletividade das escolas privadas — quem é admitido,

quem é expulso, e a qualidade do corpo discente — as diferenças virtualmente desaparecem.

Em resumo, as comparações entre escolas privadas e públicas são extremamente problemáticas. Comparações em termos de médias de aproveitamento escolar são enganadoras porque não levam em conta essa inclinação à seletividade — e as diferenças verificadas nas contagens dos pontos são bem pequenas em qualquer caso. As comparações estatísticas entre escolas públicas e privadas regredem em direção à mediocridade e, dessa forma, traçam um contorno das escolas públicas e privadas que não traduz a complexidade, as sutilezas e a riqueza das alternativas educacionais em ambos os setores.

Muitos dos benefícios de se freqüentar uma escola privada têm pouco a ver com a capacidade de a escola elevar o aproveitamento esco-

lar do estudante, mas muito a ver com os tipos de "status" que a escola confere. Freqüentar uma escola privada está relacionado com influência social. O status está relacionado não só à classe, mas também à religião, esportes, etnia e sexo.

As escolas privadas são laboratórios educacionais. São também expressões de liberdade religiosa e discussão intelectual. Em nossa pressa para adotar soluções de mercado para problemas de política pública, seria melhor pensarmos numa política de não-interferência com relação às escolas privadas.

Nossa meta não deve ser aumentar a freqüência nas escolas particulares por meio da utilização dos vales-educação, para criar mais oportunidades educacionais e buscar a ascensão social. Esse gênero de política mais provavelmente provocaria um decréscimo social pois, criando escolas privadas de baixo e médio padrão, não gerará impacto sobre a mobilidade social, mas retirará recursos vitais das escolas públicas.

Os americanos ficaram muito assustados em relação a suas escolas. Certamente, a educação urbana é um desastre, mas isso acontece mais por causa de uma política urbana fracassada do que por uma política educacional-falha. Mas muitas escolas públicas, especialmente nos subúrbios, são muito melhores hoje do que o eram há 25 anos. A maioria esmagadora de crianças americanas freqüenta e freqüentará escolas públicas: privatizar as escolas públicas com base num quadro inextenso da educação privada irá prejudicar os dois tipos de escola.

## REGISTRO

## MRTA dispara tiros de advertência em Lima

Terroristas do Movimento Revolucionário Tupac Amaru (MRTA) que mantêm 73 pessoas como reféns na residência do embaixador japonês em Lima disparam ontem uma série de tiros de advertência nos fundos do complexo da embaixada. De acordo com a polícia, os disparos foram "um aviso" para que os efetivos policiais não se aproximassem demais do edifício ocupado. Ontem, dois veículos blindados, com integrantes fortemente armados das forças de segurança, tomaram

posição em frente à casa do embaixador. A ocupação já dura 37 dias.

## Queda do iene gera preocupação no Japão

A queda drástica do iene e das ações da Bolsa de Tóquio poderá prejudicar a recuperação econômica do Japão, afirmaram ontem funcionários do governo. Desde dezembro, a bolsa caiu cerca de 14% e o iene está em seu nível mais baixo em quase quatro anos. Ontem, o índice Nikkei fechou com alta de 3,78%, recuperando-se parcialmente da queda verificada desde o início deste ano.